



“QUE PAÍS É ESSE?”: UMA BREVE NARRATIVA SOBRE ESSA TERRA TUPINIQUIM CHAMADA BRASIL

José Aurício Lopes Araújo ¹

RESUMO

A narrativa de “Brasil” se apresenta permeada pelo traço do colonizador, dessa maneira, o seu desvelamento se apresenta como um imperativo diante das circunstâncias de subjugação da inteligência do brasileiro médio com vista a exploração de sua mão de obra, bem como a nossa própria inserção no circuito mundial do capital. Entender o Brasil, e o interesse do capital central nas nossas terras é olhar para a nossa história a partir de novos autores e livre dos chavões amplamente difundidos pelo senso comum. Sabemos que o nosso “pai” é europeu, mas a nossa “mãe” é indígena, esse e outros detalhes não são contados.

Palavras-chave: Brasil; Classes Sociais; Periferia do Capital.

ABSTRACT

The narrative of “Brasil” is permeated by the trait of the colonizer, in this way, its unveiling is presented as an imperative in the face of the circumstances of subjugation of the intelligence of the average Brazilian with a view to exploiting its workforce, as well as our own. insertion in the world circuit of capital. To understand Brazil, and the interest of central capital in our lands, is to look at our history from new authors and free from the buzzwords widely spread by common sense. We know that our “father” is European, but our “mother” is indigenous, this and other details are not told.

Keywords: Brazil; Social classes; Outskirts of Capital.

1 INTRODUÇÃO

Desde eras priscas nós somos ensinados que o Brasil foi “descoberto” e colonizado por Portugal. Com a chegada das treze Caravelas no dia 15 de março de 1500, a pobre “índia”, coitada, tão ingênua, troca o ouro por um espelho, é o que diz o senso comum amplamente reproduzido. O que não se fala, entretanto, é que o processo de colonização e saque do Brasil não foi tão romântico como parece. Prova

¹ Bacharel em Serviço Social pelo IFCE – Campus Iguatu; Mestrando em Serviço Social pelo PPGSS da UFPB; auricioaraujo8@gmail.com.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



disso, é que Machado de Assis, um dos expoentes da nossa literatura afirma que existem dois brasis no seu “comentário da semana” publicado em 1861 no diário do Rio de Janeiro onde ele afirma que “o país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”. Fato é que, até meados do início do século XX, o Brasil não possuía uma narrativa própria que contasse a sua história. Eis então, que surge Gilberto Freyre que tenta, de certa maneira criar essa narrativa, esse conto de fadas para adultos. Na obra de Freyre, Casa Grande & Senzala (2003), ele traz o que chama de características gerais da colonização portuguesa no Brasil, como podemos ver:

O colonizador português do Brasil foi o primeiro entre os colonizadores modernos a deslocar a base da colonização tropical da pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal - o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim - para a de criação local de riqueza. Ainda que riqueza - a criada por eles sob a pressão das circunstâncias americanas - à custa do trabalho escravo: tocada, portanto, daquela perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade de produzir valores para a de explorá-los, transportá-los ou adquiri-los. (FREYRE, 2003, p.78).

A obra de Freyre, apesar de ser um marco na história do país, não desvendava por completo o nosso processo de formação socioeconômica. Entretanto traz elementos indispensáveis para a nossa análise. Segundo o autor “a sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente à sombra das grandes plantações de açúcar, não em grupos a esmo e instáveis” (FREYRE, 2003, p.78). Complementa ainda que:

A partir de 1532, a colonização portuguesa do Brasil, do mesmo modo que a inglesa da América do Norte e ao contrário da espanhola e da francesa nas duas Américas, caracteriza-se pelo domínio quase exclusivo da família rural ou semi-rural. Domínio a que só o da Igreja faz sombra, através da atividade, às vezes hostil ao familismo, dos padres da Companhia de Jesus. (FREYRE, 2003, p.80).

Outro autor que irá falar sobre a nossa formação sócio-histórica é Sergio Buarque de Holanda com o seu tão conhecido “Homem Cordial” (1995). O presente autor de início afirma que o brasileiro é patrimonialista e patriarcal, corroborando em alguns pontos com Freyre apesar de em outros divergirem, apontando que “é possível

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal” (HOLANDA, 1995, p. 146). Contrapondo-se a isso, o autor continua o seu discurso de que em alguma medida essa cordialidade acima referida libertaria esse homem de certos “vícios” que seriam o grande problema. Acerca disso “No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência” (HOLANDA, 1995, p. 147).

Fazendo uma leitura crítica da história, o que podemos perceber é que esse homem cordial do qual Holanda fala em seu Raízes do Brasil, na verdade é um ser extremamente passional, violento, que age movido por emoções e paixões. A respeito disso Jessé Souza rebate os argumentos dessa narrativa de maneira fervorosa, como podemos observar em Subcidadania Brasileira:

Sérgio Buarque se transforma no criador da autointerpretação dominante dos brasileiros no século XX. Para meus interesses aqui, convém relevar a ideia do homem cordial reproduzindo a essencialização e desdiferenciação característica da ideia de hibridismo e de singularidade cultural como uma unidade substancializada. O homem cordial é definido como o brasileiro de todas as classes, uma forma específica de ser gente humana, que tem sua vertente tanto intersubjetiva, na noção de personalismo, quanto uma dimensão institucional, na noção de patrimonialismo (SOUZA, 2018, P. 232).

Ainda a respeito desse homem dito cordial na obra de Holanda, Jessé sugere em A Elite do Atraso (2017) que gera uma falsa leitura crítica da realidade tanto da esquerda como da direita pois:

A interpretação de Sérgio Buarque, que logra ser a cobertura perfeita para todos os interesses e privilégios que estão ganhando, se torna dominante por fazê-lo dando a impressão de crítica radical, daí sua genialidade e perpetuação no tempo. Os discípulos, que são maioria tanto na direita como na esquerda, apenas repetem o paradigma. Torna todos os nossos conflitos reais invisíveis ao construir a singularidade brasileira a partir do homem cordial, do homem emotivo como negatividade e como potencialmente corrupto, já que dividiria o mundo entre amigos e inimigos e não de modo “impessoal”, que ele imagina, em uma idealização descabida e infantil, existir em algum lugar. O Estado patrimonialista seria a principal herança do homem cordial e principal problema nacional (SOUZA, 2017, p. 22).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Quanto a narrativa criada e difundida por Gilberto Freyre, Jessé Souza também o rebate de maneira veemente, como fica claro no trecho:

Segundo Freyre, nós, brasileiros, não só teríamos sido agraciados pelo destino do encontro cultural que, por definição, nos enriquece, mas nos transformamos nos campeões do hibridismo cultural. Nossa singularidade passa a ser a propensão para o encontro cultural, para a síntese das diferenças, para a unidade na multiplicidade. É por isso que somos únicos e especiais no mundo. Devemos, portanto, ter orgulho e não vergonha disso. Uma maior afinidade com a doutrina corporativa que passa a imperar, em substituição ao liberalismo anterior, a partir de 1930, é difícil de ser imaginada. Também, pelos mesmos motivos, é difícil imaginar ideologia mais eficaz no nosso país. Ela hoje faz parte de nossa identidade. Todos nós gostamos de nos ver dessa forma. A ideologia adquire um aspecto emocional insensível à ponderação racional, e tem-se raiva e ódio de quem problematize essa verdade tão agradável aos nossos ouvidos. A influência dessa ideia sobre a forma como o país se vê e se percebe é impressionante (SOUZA, 2018, p. 232).

Ainda no que diz respeito a obra Freyriana Jessé complementa em *A elite do Atraso* (2017, P.20) que “Freyre procurou e conseguiu criar um sentimento de identidade nacional brasileiro que permitisse algum “orgulho nacional” como fonte de solidariedade interna”. Nesse sentido também fica claro que “[...] Antes de Freyre inexistia uma identidade nacional compartilhada por todos os brasileiros” (SOUZA, 2017, p.20).

A fala um pouco rancorosa de Machado de Assis, na verdade traduz o que percebemos como uma análise da realidade brasileira de maneira dualista, da forma que se deu o nosso processo de formação, uma mistura do novo com o arcaico, sendo assim:

A estrutura econômica, política e social brasileira era concebida pelos adeptos dessa perspectiva como constituída por dois polos opostos: um setor “atrasado” e um setor “moderno”. Nesse raciocínio, uma parcela da economia brasileira composta por estruturas “arcaicas”, localizadas especialmente no campo, onde imperava a agro-exportação, impediria a expansão da dimensão “moderna” de outra parte da economia, concentrada em algumas regiões industriais direcionadas à produção de bens de produção e consumos duráveis, constringendo assim o “desenvolvimento nacional”. Dessa forma, caso não fossem superados os entraves “arcaicos” ao desenvolvimento do país, este continuaria em um estágio, qualificado pelos “dualistas”, como “subdesenvolvido” (DEMIER, 2017, p.3).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Não podemos esquecer que, se tratando da realidade brasileira, estamos falando de um país que nunca superou as suas bases escravagistas, inclusive por ter sido o último país no mundo a abolir a escravidão (1888), temos que levar em consideração que a pseudo elite brasileira tem um fascínio e um flerte histórico com essa forma de exploração, tendo em vista que nos tempos do império, mais especificamente em 1865, na Guerra da Secessão, o Brasil acolheu cerca de dez mil americanos do sul dos Estados Unidos para dar continuidade a escravidão que lá tinha sido abolida. “O empresariado brasileiro demonstra, de modo irrefutável, sua dependência intrínseca ao imperialismo (DEMIER, 2017, P. 4). A vista disso, obras como a de Freyre e Holanda que são tidas como críticas da realidade social, na verdade se trata de mascarar as nossas feridas. Sendo assim:

O trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante, até hoje, da sociedade brasileira. Como os pensadores que estudam as regras da produção de conhecimento e da ciência sabem muito bem, todo o conhecimento humano é limitado historicamente. Isso significa que, durante décadas e até séculos, todo o conhecimento humano é dominado por um “paradigma” específico. Um “paradigma” é o horizonte histórico que define os pressupostos para qualquer tipo de conhecimento. Normalmente, todas as pessoas são influenciadas pelo paradigma na qual são criadas e ninguém, em condições normais, pensa além de seu tempo (SOUZA, 2017, p. 13).

Entender a realidade como algo processual e contraditório, com especificidades em cada parte do globo terrestre é fundamental para que, primeiro, consigamos fazer um desvelamento da realidade social que se apresenta e, como os processos implicam diretamente nas nossas vidas e, em segundo lugar, criar estratégias para que tais processos sejam combatidos e/ou não voltem a existir. Para tanto, entender a nossa posição no circuito mundial do capital é indispensável para tal feito, do contrário, estaremos sempre submetidos a repetir o passado sob nova roupagem.

2 A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL, CLASSES SOCIAIS E O INTERESSE NO BRASIL

PROMOÇÃO



APOIO





Falar do sistema capitalista é necessariamente falar de sua crise estrutural e de como ela nos afeta direta e indiretamente. “É evidente que o desenvolvimento global do modo de produção capitalista não pode se subordinar a noção de equilíbrio” (MANDEL, 1985, p.17), sendo assim a ideia de movimento desigual e combinado do capital é reforçada. Partindo da ideia até aqui defendida em que o mundo está dividido entre esses dois flancos – capital central e periferia – podemos certamente afirmar que os momentos de crise no mundo do trabalho são consequentemente momentos de crise do capital, como também podemos afirmar que os impactos desses processos são sentidos de maneira diferente nesses dois flancos já supraditos. Sendo assim:

O processo cíclico de crises é imanente e estrutural à dinâmica do capital. Pode se consolidar na forma de crises gerais, envolvendo um colapso generalizado das relações econômicas, ou crises parciais que, encerrando os ciclos econômicos, constituem uma constante regular (e restauradora) no modo de produção do capital. Nas crises, ocorre a destruição dos capitais mais fracos, sua absorção por grandes massas de capital e a retomada de um relativo equilíbrio (temporário) entre produção e consumo. As crises são uma saída do próprio sistema para desobstruir o ciclo de realização, retornando o processo de expansão do capital a uma regularidade instável (ARBIA, 2015, p. 147)

Se no final da década de 1929 os capitalistas centrais passavam por uma severa crise do liberalismo ortodoxo e a erosão de suas bases materiais e ideológicas (que já foram citadas no capítulo anterior e que não se repetirá aqui para não ser prolixo), os capitalistas centrais precisavam se reestruturar produtivamente, enquanto no Brasil “a expansão interna do capitalismo não era exatamente uma escolha, porque decorria de uma posição previa do país na economia internacional” (BEHRING, BOSCHETTI; 2011, p.75). A vista disso, nós temos nesse momento o nascimento de uma burguesia nada original, que não é capaz de pensar um projeto nacional-desenvolvimentista para o país. Sendo assim, “a gênese do capitalismo entre nós desde o início carrega o segredo e a sua mácula” (SOUZA, 2018, p.92). Destarte, a industrialização brasileira ocorreu entre 1890 e 1930 deixando claro que “os interesses externos e internos convergiam e alimentavam uma dimensão

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



autocrática do exercício do poder político” (BEHRING, BOSCHETTI; 2011, p.78).
Nessa direção fica exposto:

A distância entre a definição dos direitos em lei e sua implementação real persiste até os dias de hoje. Uma forte instabilidade dos direitos sociais denotando sua fragilidade, que acompanha uma espécie de instabilidade institucional e política permanente, com dificuldade de configurar pactos mais duradouros e inscrever direitos inalienáveis (BEHRING, BOSCHETTI; 2011, p.79).

Os capitalistas centrais perceberam – considerando também e as inflexões provocadas pelas contestações crescente dos trabalhadores – após a crise de 1929 que precisavam oferecer os mínimos sociais a classe que vive do trabalho através de políticas sociais e securitárias para que se pudesse manter as condições gerais de acumulação capitalista, enquanto que no Brasil, apesar de algumas políticas começarem a ser implementadas ainda nos anos 1930, é somente em 1943 que a classe trabalhadora terá o seu respaldo legal em lei.

Enquanto os capitalistas centrais experienciavam os trinta anos gloriosos do capitalismo, o período compreendido entre a década de 1940 e 1960 foi marcado por um forte embate da luta de classes, onde “a herança da escravidão não irá contaminar apenas a ralé, negra e mestiça, mas todas as classes populares” (SOUZA. 2018, p. 93). Dessa forma, fica evidente, que dentro dessa luta de classe também existiam outras camadas sobrepostas de opressão, a exemplo da raça e do gênero. O respeito aos direitos trabalhistas no Brasil sempre se apresentou como o garçom na Santa Ceia, ou seja, inexistente.

Todo esse cenário caótico não se dá ao acaso, ao contrário, ele é milimetricamente pensado pelos organismos que regem e criam as regras do jogo capitalista, dessa forma, “hipoteca-se a soberania por que “não há outro caminho”; os alibes da oligarquia deliberadamente confundem a impotência de uma classe social como o suposto destino vazio de cada nação” (GALEANO; p.20, 2020). A dominação da periferia se dá sempre em dois níveis, assim como a dominação humana, por criar uma subjetividade que será introjetada nas pessoas com o intuito de legitimar as práticas cada vez mais escusas realizadas pelo sistema capitalista. Destarte, esse

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

processo de dominação e reprodução se dá no nível da materialidade e da subjetividade em termos mais claros.

Diante da impossibilidade de obter estabilidade, o capitalismo vive uma crise estrutural, e é justamente por esse processo que fica evidente a realidade precária da grande massa trabalhadora brasileira, composta em grande parte pelos estratos mais depauperados da população. Processo esse que acaba por elucidar a nossa condição de capitalismo dependente aos ditames do que Florestan Fernandes (2008) chama do capitalismo hegemônico autossuficiente. Nesse direcionamento fica claro a nossa impossibilidade de superação dessa condição, pois “o capitalismo não é apenas uma realidade econômica. Ele é também, e acima de tudo, uma complexa realidade sociocultural, em cuja formação e evolução histórica concorrem vários fatores extraeconômicos” (FERNANDES, 2008, p. 23) e acrescenta que a única possibilidade de superação do capitalismo dependente repousa:

Primeiramente, na forma de integração nacional alcançada pela ordem social competitiva, através da absorção dos padrões e princípios de organização capitalista do sistema econômico. Se enquanto a sociedade subdesenvolvida não possuir requisitos estruturais e dinâmicos para engendrar processos de automatização econômica, sociocultural e política, no nível de padrão de integração, funcionamento e desenvolvimento da ordem social competitiva, ele ficará condenado ao destino histórico inerente ao capitalismo dependente (qualquer que seja a fórmula empregada para disfarçar esse destino) ou terá de procurar o socialismo (qualquer que seja a via pela qual ele se desencadeie historicamente) as soluções para os seus dilemas econômicos, sociais e políticos (FERNANDES, 2008, p. 35-36).

Esse processo do qual Fernandes nos relata deixa claro que as economias dependentes como é a especificidade brasileira, além de estarem sempre relegadas a um desenvolvimento atrasado, ainda assumem o papel de serem responsáveis pela retroalimentação do capitalismo internacional, tendo em vista a incapacidade de se pensar um desenvolvimento nacional que não esteja alinhado com a hegemonia econômica ditada pelo capital estrangeiro. Sobre isso e aplicando seu argumento a realidade brasileira, Fernandes (2008, p. 36-37) complementa:

Trata-se de uma economia de mercado capitalista constituída para operar, estrutural e dinamicamente: como uma entidade especializada no nível da integração do mercado capitalista mundial, como uma entidade subsidiária e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

dependente no nível das aplicações reprodutivas do excedente econômico das sociedades desenvolvidas e como uma entidade tributária, no nível do ciclo de apropriação capitalista internacional, no qual ela aparece como fonte de incrementação ou de multiplicação do excedente econômico das economias capitalistas hegemônicas.

Essa condição, diferente do pecado original, é passível de sofrer mudanças, o que afetaria diretamente a própria dinâmica do sistema, no entanto, precisamos construir uma classe social capaz de fazer o embate a essas imposições. Aqui vale ressaltar mais uma vez o que Jessé Souza (2018) destaca, carregamos desde sempre a nossa mácula. As classes sociais brasileiras em divisão estrutural e contraditória de burguesia e proletariado também carregam em si um especto de dependência das classes externas, sendo dessa maneira incapazes de pensar, ao menos no presente momento em que escrevo esse texto, uma saída para esse processo. Portanto:

As burguesias periféricas, dado a sua debilidade e dependência, seriam incapazes de realizar transformações “democráticas” e “nacionalistas”; no entanto, seriam suficientemente competentes para engendrar estruturas de dominação sobre as massas populares no curso do desenvolvimento capitalista, se utilizando para isso de formas políticas “autocráticas” e reacionárias (DEMIER, 2017, p. 7).

Essa condição de impossibilidade se dá, primeiro, por que a classe proletária passa cada vez mais por um severo processo de depauperação e degradação das suas condições de vida e de trabalho, e a classe pseudo-burguesa não é capaz de pensar nem lhe é conveniente uma saída para tal, “assim o subdesenvolvimento não é um estado produzido e mantido a partir de dentro, mas gerado, condicionado e regulado a partir de fora, por fatores estruturais e de conjuntura do mercado mundial” (FERNANDES, 2008, p. 55).

Cabe destacar que, ao fazer essa análise dos elementos que nos coloca na condição satélite das economias hegemônicas, existe uma categoria a ser trabalhada que não é necessariamente constituída pelo nosso desenvolvimento social, histórico e econômico, ao contrário, o nosso desenvolvimento se dá a ela de maneira umbilicalmente ligada, estamos, portanto, falando da superexploração das economias periféricas. Por mais que a buguesia nacional, heterogenia e subsumida aos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



interesses do capitalismo central possa pensar que é ela quem desenvolve esse processo, não é bem assim que acontece por essas terras tupiniquins.

Para que se tenha uma ideia do que esse processo representa é necessário voltar a uma breve análise do processo de produção de riqueza. O produto fruto do trabalho individual, quando finalizado, além de em si próprio já conter um valor de uso, ele passa a ter um valor de troca, que está diretamente ligado ao tempo necessário de produção desse referido objeto. No entanto, é na esfera produtiva que se evidencia a produção de um excedente, que nós conhecemos como Mais-Valia, esta por sua vez, representa a apropriação do excedente de trabalho não pado, e a isso chamamos de exploração da mão de obra do trabalhador.

Convem também ressaltar que, com a introdução de tecnologias poupadoras de mão de obra – que na verdade são para acelerar o processo de produção dos produtos – o trabalhador passa a produzir cada vez mais em um menor espaço de tempo e sem ter um aumento no seu salário como também, não ocorre uma melhora nas suas condições de realização do trabalho, a isso damos o nome de superexploração da mão de obra da classe proletária, tendo em vista que, ocorre um aumento substancial da apropriação do excedente econômico resultante do processo produtivo. Portanto:

Nessas circunstâncias, a acumulação de capital assume suas próprias características. Em primeiro lugar, ela é caracterizada por profundas diferenças em nível doméstico, no contexto local de um mercado de trabalho barato, combinado com uma tecnologia capital-intensiva. O resultado, sob o ponto de vista da mais valia relativa, é uma violenta exploração da força de trabalho, que se dá justamente como consequência do já mencionado intercâmbio desigual e dos mecanismos de transferência de valor que ele reforça. Ocorre que o resultado imediato destes mecanismos é uma forte saída estrutural de recursos, que traz consigo graves problemas de estrangulamento externo e restrições externas ao crescimento. E a única atitude que torna possível às economias periféricas garantir sua dinâmica interna de acumulação de capital é o aumento da produção de excedente através da superexploração da força de trabalho [...] Ou seja, a dinâmica do intercâmbio desigual culmina em superexploração e não em estruturas capazes de romper com os mecanismos de transferência de valor, e isto implica necessariamente numa distribuição regressiva de renda e riqueza e em todos os agravantes sociais já conhecidos deste processo (AMARAL e CARCANHOLO, 2009, p. 217).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Dessa maneira o que temos de ressaltar é que o processo de superexploração é uma maneira encontrada de desenvolvimento das economias periféricas, levando em consideração que não impede a acumulação interna de capital, no entanto, as economias subdesenvolvidas são as principais receptoras desse processo:

Afirmar que subdesenvolvimento e desenvolvimento são elementos de um mesmo processo contraditório de acumulação de capital não significa que a economia dependente não possa crescer, mas que, quanto mais cresce, no alicerce da superexploração da força de trabalho, mais aguça as diferenças específicas do capitalismo central. Dessa forma, em situação de dependência, maior desenvolvimento capitalista, com o crescimento da economia dependente, implica maior dependência, o que não é sinônimo de estagnação (CARCANHOLO, 2008, p. 258).

O enfoque dessa categoria é necessário para que possamos, ainda que de maneira perfunctória, entender que a construção e desenvolvimento de uma sociedade subdesenvolvida está diretamente ligada também ao processo de superexploração que a sua classe trabalhadora está submetida, reafirmando mais uma vez o fato de ser a periferia que nutre o grande capitalismo imperial, tendo as suas riquezas saqueadas pelas empresas multinacionais que vem superexplorar a mão de obra da nossa debilitada classe trabalhadora e que, não encontra resistência da classe burguesa, por que até ela está a serviço do capital central.

Apesar de defendermos que existem apenas duas classes fundamentais no capitalismo, o regime totalitário neoliberal tende a criar frações de classes no sentido de esfumar a dinâmica de entendimento da realidade social, como trata Jessé Souza (2017) no que ele chama em A Elite do Atraso de “Pacto antipopular da elite com a classe média”, destacando que existem quatro grandes classes sociais dentro desse contexto que marcam a sociedade brasileira contemporânea, são elas: “a elite dos proprietários, a classe média e suas frações, a classe trabalhadora semiqualiificada e a ralé de novos escravos” (SOUZA, 2017, p. 107). Desse modo, a sua caracterização se dá:

A elite dos proprietários mantém seu padrão predatório de sempre. A grilagem de terra, covarde e assassina como sempre, foi e ainda é uma espécie de acumulação primitiva de capital eterna no Brasil. Os grandes latifundiários aumentavam sua terra e riqueza pela ameaça e pelo assassinato de posseiros

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

e vizinhos, como, aliás, acontece ainda hoje [...] com a ralé dos novos escravos a mesma coisa. O mesmo ódio covarde devotado ao escravo, não apenas pela exploração do trabalho a preço vil, mas a humilhação diária, o desejo e a alegria com assassinatos e massacres, a recusa de tolerar qualquer melhora nas suas condições [...] Mas a chave para a compreensão da iniquidade e vileza singulares da sociedade brasileira é a classe média. É ela que forma um pacto antipopular comandado pela elite dos proprietários, onde se misturam aspetos racionais, como preservação de privilégios, e aspetos irracionais, como necessidades de distinção e ódio e ressentimento de classe. É esse mecanismo essencial, construído de modo consciente e planejado pelas elites a partir da década de 1930, que explica a recorrente vitória do pacto de classes antipopular do último século (SOUZA, 2017, p. 107-108).

Mas colocando essas frações de classe de lado, e negando a existência da classe média assim como faz Marilena Chauí (2016), voltamos então as classes fundamentais do sistema capitalista, e na especificidade brasileira, a explicação da nossa dependência. Florestan Fernandes (2008) destaca que a única classe que pode tomar as rédeas é a classe alta – leia-se burguesia – tendo em vista que “as formas de consciência e de atuação das classes médias são condicionadas, na ordem económica vigente, com a sua associação com aquilo que se poderia chamar de interesses do capital (nacionais ou estrangeiros) (FERNANDES, 2008, p.69). Nesse direcionamento, o que o autor chama de classes médias, na verdade são estratos da classe proletaria e afirma que:

As únicas classes que contaram, contam e continuarão a contar com as condições para tomar consciência clara de seus interesses de classe e de sua situação de classe são as classes altas. Todavia, elas são vítimas da ilusão da autonomia nacional em nível político, ao mesmo tempo que não podem livrar-se das formas de associação dependente com os agentes e os interesses económicos dos núcleos hegemónicos externos (FERNANDES, 2008, p.68).

Tomando a afirmativa como um fato que está posto na realidade social, restamos então desvendar qual é o papel da classe proletária, ou noutras palavras, do estrato mais depauperado da população que pode estar trabalhando, estar à margem do emprego formal, ou ainda, compondo o exército de reserva. Portanto, o que fica evidente é que essa classe mais baixa fica “polarizada de modo positivo a ordem económica vigente, compartilha, aceita e valoriza o privilegiamento do mundo urbano, orientando-se preponderadamente por seus valores” (FERNANDES, 2008, p. 70). Processo esse que deveria ser o contrário, essa classe na verdade deveria ser uma

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



vanguarda consciente da sua condição enquanto proletariado. Mas como cobrar isso de uma gente que sempre teve os mínimos sociais negados e inclusive se até mesmo o trabalho foi negado? Impossível.

Isto posto, fica claro algumas das bases que a história do capitalismo brasileiro é assentado e nos resta portanto assinalar primeiro, a forma como se dá a exploração dos países hegemônicos sobre os seus satélites, a respeito disso, Florestan Fernandes (2008, p.59) destaca que na especificidade brasileira, “a conjugação de procura externa com técnicas de produção acarretou um modelo de produção pouco flexível, fundada em substituição súbita dos produtos básicos e em constante mobilidade dos centros economicamente prósperos”. Nesse sentido, parece que o capital hegemônico internacional tem tanto interesse na nossa condição de país subdesenvolvidos devido a comportarmos “uma larga margem de capacidade ociosa, que não se encontra aproveitamento economico” (FERNANDES, 2008, p.47).

3 CONCLUSÃO

Compreender como o Brasil se posiciona no circuito mundial do capital é fundamental para que possamos analisar como se processam as relações sociais de trabalho, o que não é uma tarefa muito fácil, tendo em vista que, de acordo com cada momento histórico do capitalismo, a forma de subsunção de países como o Brasil aos ditames do capital central se modificam e se complexificam. “O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinadas, do exterior, para a sua incorporação a engrenagem universal do capitalismo” (GALEANO, 2020, p. 18). Se temos dados que comprovam que entre 1960 e 2010 o mundo foi capaz de aumentar a sua riqueza em 800% (MOREIRA, 2020, p.18), então por que então ainda temos tantas pessoas vivendo em situação de pobreza e miserabilidade social? Fato é que o Brasil sempre andou em descompasso com o restante dos capitalistas centrais, justamente por ocupar uma posição fundamental no desenvolvimento desigual e combinado do mundo capitalista, o de periferia. Para que alguns países

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

possam enriquecer e acumular cada vez mais riqueza, países como o Brasil empobrecem proporcionalmente.

A posição de periferia era mais uma vez reiterada e agora com mais veemência do que anteriormente, tendo em vista a necessidade de se reestruturar produtivamente que o capitalismo mundial passava após a crise de superacumulação dos anos de 1969 e uma completa reestruturação das formas de trabalho. Apesar de Bauman em sua Modernidade Líquida defender o fim do panóptico capitalista, ele continuava lá, mais vivo do que nunca, como uma ideologia totalitária e representa a “conquista do espaço e sua manutenção, assim como a manutenção dos internos no espaço vigiado, abarcava ampla gama de tarefas administrativas custosas e complicadas” (BAUMAN, 1960 p.16). Dessa maneira, “o capitalismo central pode dar-se ao luxo de criar seus próprios mitos e acreditar neles, mas mitos não se comem, bem sabem os pobres que constituem o vasto capitalismo periférico” (GALEANO, 2020, p.19).

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. S; CARCANHOLO, M. D. **superexploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos da reprodução do capitalismo dependente**. In: FERREIRA, C; OSORIO, J; MATHIAS, L. (ORGS.) Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012.

ASSIS, Machado de. “**Comentários da semana**”. Publicado originalmente o ‘Diário do Rio de Janeiro’, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1861 | Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política Social: fundamentos e história** / Elaine Rossetti Behring, Ivanete Boschetti. – 9.ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Biblioteca básica do serviço social; v.2).

DEMIER, Felipe. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira: breves comentários sobre uma relação pouco conhecida**. 02/2007 • revistaoutubro • Edição 16, Felipe Demier

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

FERNANDES, Florestan 1920 -1995. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento** / Florestan Fernandes. apresentação do Paul Singer. - 5. ed rev - São Paulo Global. 2008

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira.** Florestan Fernandes. 1ª edição digital São Paulo 2013. Global Editora

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo: Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos.** 1ª edição digital São Paulo 2013.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina:** tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, (estudos latino-americano, v.12) Do original em espanhol: Las venas abiertas da America Latina

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982. **Raizes do Brasil** / Sérgio Buarque de Holanda. — 26. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MOREIRA, Eduardo. **Economia do desejo: a farsa da tese neoliberal.** Eduardo Moreira – 1 ed. – Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2020.

SOUZA, Jessé **A classe média no espelho** [recurso eletrônico] / Jessé Souza. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato** / Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite** / Jessé Souza. – São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro** / Jessé Souza. — Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO

